

## **Lugar de favelado cafona: moradia como símbolo de estigma em situações de copresença na cidade de Campos dos Goytacazes-RJ<sup>1</sup>.**

Renan Lubanco Assis<sup>2</sup>

**Resumo:** Neste artigo pretendo demonstrar aspectos morais que envolvem as situações experimentadas em copresença pelos moradores da localidade de Guarus em espaços localizados na margem direita da do Rio Paraíba do Sul, na cidade de Campos dos Goytacazes. Com tal empreendimento visou apresentar uma situação envolvendo uma moradora do bairro de Custodópolis; localidade situada no distrito de Guarus, na margem esquerda do Rio Paraíba do Sul e tomada como um *símbolo de estigma*, em comparação com os bairros localizados da margem direita do rio; tomados como *símbolo de prestígio*. **Palavras-chave:** Guarus, moradia, categorização moral, símbolos de estigma.

**Abstract:** With this paper I intend to demonstrate moral aspects that involve the situations experienced in copresence by the residents of the locality of Guarus in spaces located in the right margin of the Paraíba do Sul River, in the city of Campos dos Goytacazes. With such undertaking I intend to present a situation involving a resident of the neighborhood of Custodópolis; located in the district of Guarus, on the left margin of the River Paraíba do Sul and taken as a symbol of stigma, compared to the neighborhoods located on the right margin of the river; taken as a symbol of prestige. **Keywords:** Guarus, dwelling, moral categorization, symbols of stigma.

Os processos de ocupação urbana, quando observados pelo seu âmbito moral são marcados por disputas em torno das fronteiras entre os diferentes grupos que compõem a cidade em expansão e as posições ocupadas por eles, em termos espaciais e simbólicos. Deste modo, um olhar atento para as categorias morais de desqualificação e qualificação nos possibilita entender os valores que orientam a interação na cidade, seja ela pequena, média ou grande. O que diferencia estes espaços é a gradação, porém ambos são envolvidos por disputas quando o habitual redefinido (Thomas e Znanieck, 1919).

A alteração do espaço urbano impõe aos seus primeiros moradores novos quadros de referências e esses, com via de manter seus valores bem remarcados, mobilizam dispositivos de diferenciação que garantem a estabilidade interna e a separação dos novos grupos que o adentram, sobretudo quando estes são moralmente indesejados, seja pelo estilo de vida, seja por apresentarem-se como potencialmente perigosos, ou por serem profissional ou intelectualmente desqualificados em potencial.

---

<sup>1</sup>Este artigo foi apresentado em sua versão original no Grupo de Trabalho Habitação e Periferias do II Seminário Cidade, Espaços Públicos e Periferias, realizado pelo grupo de pesquisa CEP28, na cidade de Campos dos Goytacazes – RJ.

<sup>2</sup>Doutor em Sociologia Política pela Universidade Estadual do Norte-Fluminense Darcy Ribeiro e integrante do grupo de pesquisa Cidade, Espaços Públicos e Periferias (CEP28).

Sobre os dispositivos de diferenciação, Elias e Scotson (2000) fazem menção às *fofocas* e *comentários jocosos*, enquanto Glukman (1963) faz menção aos *rumores* como clarificadores dos limites de um grupo em relação ao outro.

A diferenciação existe na forma de categorização moral de um grupo pelo outro. Este processo é possível mediante a estandardização da opinião que um grupo possui acerca do outro e a posição ocupada pelo grupo *impositor de regras* com relação aos demais (Becker, 2008). Ao acessar a opinião dos outros sobre si, os indivíduos ou grupos se veem como pertencentes a uma comunidade distinta daquele que emite tal opinião. O processo de desqualificação ou qualificação moral acontece no processo de interação entre esses diferentes grupos, sendo mais problemáticos quando essa interação é intensa (Assis, 2016a). O crescimento urbano, neste caso, coloca em contato diferentes grupos, o que conseqüentemente irá produzir situações de disputa moral, dada a intensificação das situações de copresença. A disputa produzirá um efeito na cartografia moral da cidade, que, no mundo prático, produz áreas moralmente segregadas em detrimento das áreas moralmente valorizadas, semelhantemente às *regiões morais* analisadas por Park (1948a). Enquanto as primeiras são potencialmente tratadas como objeto de desconfiança e evitação, as segundas, remetem às noções de segurança e podem ser *efetivadas* como um referencial de *bom*, o que incide em uma menor circulação nas áreas segregadas e maior circulação nas valorizadas (Werneck, 2012). Trocando em miúdos, as áreas segregadas são indesejadas, enquanto as áreas valorizadas são desejadas como espaços de moradia, sociabilidade e circulação, o que incidirá sobre a valorização dos seus terrenos, bem como dos seus moradores.

Há uma relação constante de força envolvendo os grupos em disputa; os que conseguem se impor moralmente, neste caso, os primeiros ocupantes de uma cidade, detém e recursos públicos que viabilizam a manutenção da sua posição moral, todavia, os que são submetidos moralmente durante esse processo, podem buscar, por meio de ações coletivas ou iniciativas individuais, utilizar de estratégias de limpeza moral com vias a reverter a má reputação que lhes é imputada (Assis, 2016a; 2016b).

Para a realização da pesquisa base para a efetivação desta proposta, foram adotados os seguintes procedimentos de pesquisa: entrevista semiestruturada e pesquisa de inspiração etnográfica. A realização dos procedimentos mencionados teve um período de duração de aproximadamente três anos, envolvendo idas frequentes ao campo para a observação de situações rotineiras, como em eventos promovidos na

escola de samba do bairro, visitas informais aos interlocutores e a realização das entrevistas. Cabe ressaltar ainda que o espaço observado é o bairro no qual o pesquisador residiu durante maior parte de sua vida, o que tornou simples visitas familiares em situações de *participação observante* (Albert, 1995).

### **Categorias morais formuladas em situações de disputa**

Esta proposta lança mão de debates que gravitam em torno da moral sobretudo aqueles que estão mais próximos do pragmatismo americano. Este forneceu amplo suporte para os principais debates urbanos da Escola de Chicago surgidos a partir de uma junção entre uma “visão de mundo tanto teórica quanto prática” (James, 1904). Neste caso, com uma grande contribuição de Dewey, tomado por William James como um *empirista puro*, cuja sua palavra favorita era *situação* (Op. Cit.).

A *situação*, neste caso, é entendida, grosso modo, partir de uma interação sem fim entre *ambiente* e *organismo*. Nesta perspectiva a *realidade* é entendida como “um todo em virtude de sua qualidade difundida” (Dewey, 1938, p. 68). Esta se apresenta para o indivíduo a partir de símbolos presentes no *universo da experiência*. Nesses contextos os atores confirmam ou problematizam as suas experiências anteriores.

O conceito de *situação* é caro para este trabalho. Dentre os pesquisadores que se debruçaram nessa perspectiva, poderia citar o William Thomas (1905; 1919; 1923; 2006) que define uma situação social como um conjunto de atos passíveis de exames e deliberações. Neste caso, toda conduta derivará de definições precedentes. O conteúdo da moralidade em disputa, nesta perspectiva, seria a definição aceita da situação. Goffman (2012 [1974], p. 23) aposta em uma definição da situação para além da atividade em curso. Os que estão envolvidos na situação, neste caso, não a criam. Estes a avaliam para então atuarem. Em uma abordagem contemporânea, da sociologia francesa da moral de Thévenot e Boltanski (1991), a situação é definida como o momento em que os atores vivenciam uma disputa que lhes exige provas, neste caso, um regime de justificação, que pode ser traduzido como um ordenamento de interação entre pessoas e objetos em um ambiente imediato (Vandenbergue, 2006, p. 331).

A interação em determinadas situações na cidade de Campos, segundo os interlocutores da pesquisa base para este artigo, é marcada pela disputa moral dada a não aceitação de determinados moradores da cidade em cenas específicas. Caroline, interlocutora que dará suporte a esta análise, demonstrará uma situação na qual o

morador de Guarus é categorizado como um *tipo* indesejado em relação aos não moradores de Guarus. Até se deparar com estas situações na universidade, o lugar de moradia de Caroline não havia sido colocado à prova, portanto, a universidade para ela, a princípio, fora um lugar em que ela vivenciou situações de disputa.

Interessa-me neste artigo compreender situações nas quais os atores formulam categorias morais a partir de *disputas*<sup>3</sup> ou *situações de indeterminação* vivenciadas em situações de copresença. No tocante a *situação indeterminada*, esta é pensada por Dewey (1938) como um momento no qual o ator se vê diante de uma situação não objetivada. Esta situação contraria o que Mead (1903) denomina objetividade, que seria processo cognitivo bem sucedido; *critério de objetividade* que diz respeito às referências para que os atores *in situ* possam interagir em um ambiente minimamente estável. A quebra desta estabilidade possibilita aos envolvidos uma *crítica lógica*, que, segundo Wundt (1897), surge a partir do momento em que as interpretações das experiências anteriores são contrariadas.

É nesse bojo teórico que surgem investigações do mundo prático vivido pelos imigrantes que, ao chegarem aos Estados Unidos da América, *interromperam o fluxo do hábito* (Thomas, 1905), tanto para estes que se depararam com um novo mundo, quanto para os estadunidenses que os receberam. Esta interrupção provocou *uma redefinição da situação* (Thomas e Znaniecki, 2006), neste caso, a formulação de novos referenciais de coordenação das atividades concretas.

Quais são as definições que *validam* as experiências vividas pela interlocutora deste artigo? Quais objetos participam dessas situações? Na medida em que as situações são experimentadas, novos referenciais são elaborados. Deste modo, novos contextos de significados são delineados e, conseqüentemente, irão produzir novas definições. A situação, neste caso, é o que ocorre quando os atores estão envolvidos em um encontro *habitual* ou de *disputa* entre diferentes ordens no espaço urbano.

Cabe destacar que cidade, na leitura da *ecologia humana*, é um *conjunto de áreas naturais* nas quais os grupos tenderão a assumir um “padrão” ou “tipicidade”. Deste modo, a cidade é muito mais do que um agregado populacional. Ela é, na compreensão de Park (1928, p. 885), constituída por *ordens morais*.

---

<sup>3</sup>A ideia de *disputa* (Boltanski e Thévenot, 1991) é pertinente neste debate como uma ferramenta analítica para pensar no espaço urbano como penetrado por diferentes quadros de referências.

A cartografia moral, que compreende a cidade como entidade física moralmente diferenciada espacialmente, delinea-se na categorização moral de determinados lugares e incide direta ou indiretamente em uma qualificação dos moradores dos diferentes bairros e/ou distritos de uma cidade. Para pensar a cartografia moral, cabe um diálogo com Freire (2005, p. 68), quando esta fez menção a noção de *mega-área moral*, se referindo aos sentimentos despertados em torno da categoria “Baixada Fluminense”; neste caso, um lugar categorizado nas interações cotidianas como “outro mundo”, “lugar de desova” (Op. Cit., p. 74), enfim, um lugar ao qual se deve temer. Este seria um *lugar mental* (Op. Cit., p. 68) no qual os atores se movimentam, levando em consideração não apenas aspectos físicos, mas, sobretudo, morais, que, na perspectiva aqui utilizada, são destacados como predominantes na circulação urbana. Ao ir de um lugar a outro o ator considera a cartografia moral da cidade. Esse processo de categorização dos espaços está em constante alteração, e a *sucessão populacional* exerce um papel extremamente importante nesse processo, como se pode observar no caso aqui estudado.

O conceito de sucessão empregado aqui é uma colaboração do Robert E. Park (1948a, p. 320). Para tornar o conceito mais claro, empregou o que ele definiu como “teoria catastrófica” da história– referindo-se à “teoria de Teggard” -, na qual:

Cada ordem social sucessiva tem sua origem nas condições criadas pela ordem anterior; de que a sociedade está continuamente renascendo, mas que de quando em quando surge uma sociedade nova e fundamentalmente diferente.

O primeiro trecho da citação pode ser entendido como uma sucessão geracional, mas, ao final da citação, há menção de uma mudança mais radical, o que pode ser explicado pela migração ou criação de grandes conjuntos habitacionais. A expansão das cidades tende a impor aos antigos moradores uma reordenação moral dada pela simples atração de grupos estrangeiros para a cidade. A partir desse processo se

[...] Constitui um verdadeiro problema a assimilação dos naturais de um lugar; é o problema da educação das crianças nos lares e dos adolescentes nas escolas. Mas assimilação de imigrantes adultos, procurando lugar para eles na organização comunal, é o problema ainda mais sério [...].

[...] Quando o crescimento é dividido à imigração, a mudança social é necessariamente mais rápida e mais profunda [...]. (Park, 1948b, p. 131)

Neste caso, novos ordenamentos são colocados para os “moradores antigos”, o que incidirá, inclusive, em uma categorização moral mútua envolvendo os antigos e os

novos espaços habitados, bem como seus moradores. Tornar-se parte da nova comunidade desencadeará, neste caso, em situações de disputa. No caso de Custodópolis, bem como de Guarus, foram áreas ocupadas de modo mais intenso a partir da segunda metade do século XX, bem após a ocupação da sede do município.

Cabe aqui uma reflexão que possibilite pensar em uma espécie de “moralização” dos lugares da cidade pelos “moradores antigos”, que em situações de disputas, são denominados “moradores do lado de lá” em contraste com o “morador do lado de cá”: Guarus, área moralmente segregada em relação à primeira.

Para um entendimento do *modus operandi* da relação de copresença entre o “morador do lado de lá” e o “morador do lado de cá”, cabe à noção de *cit  doméstica* elaborada por Thévenot e Boltanski (1991, p. 116-126), cujo engajamento   medido pela familiaridade e proximidade dos atores envolvidos. Neste caso o princípio de qualifica o dos atores   orientado pela tradi o, proximidade e familiaridade. Estes elementos conjugados conferem laço aos seres em rela o (Boltanski, 2001, p. 16). Este conceito, combinado com a no o de *região moral*, de Park (1948a), pode ser um importante acessório da *caixa de ferramentas* de que disponho para a reflexão da categoriza o moral da área urbana da cidade de Campos<sup>4</sup>.

No tocante as categorias nativas “morador do lado de l ” e “morador do lado de c ”, o trabalho de campo me permitiu identificar como estas são mobilizadas não apenas como sin nimo de gentilidade, mas em rela o a um regime no qual os atores são qualificados a partir dos seus locais de moradia, no interior de uma mesma cidade.

Interessa-nos ainda mobilizar a no o de *cit  de renome* (Op. Cit., p. 126-127), na qual o princípio de avalia o dos atores   a opinião de uns sobre os outros. O que está em questão nesta *cit *   a valora o e a estima conferida aos presentes em uma dada situa o. Neste caso, os *rumores* (Gluckman, 1963) são mobilizados como um recurso de dissemina o de informa o que podem qualificar aqueles que estão em situa o de copresença. Estes destacam as marcas e os emblemas como elementos importantes na transmissão de mensagens. Com rela o às *marcas*, creio que a análise goffmaniana se adéqua melhor a minha proposta, quando este estabelece uma rela o entre os *signos* e *símbolos* em situa o de copresença. Em sua abordagem, Goffman (1951) toma os

---

<sup>4</sup> O nome da cidade, apesar de ser composto, não   dito na integra em situa o informais, neste caso, gostaria de tomar a liberdade e têm assim fazer.

signos como capazes de produzir símbolos que dividem o mundo social em *categorias* de pessoas (Goffman, 1951, p. 294).

Goffman (1988) delineou dois aspectos importantes que são considerados em uma relação de copresença, a saber: (1) os *símbolos de prestígio* e os (2) *símbolos de estigma*. Ambos transmitem informações sociais sobre um indivíduo ou grupo. O primeiro aspecto, como o próprio nome já sinaliza, coloca o indivíduo em um patamar favorável, quanto ao segundo, produz o efeito inverso, uma vez que desqualifica aquele que possui uma discrepância identitária que não corresponde ao retrato global coerente.

Os símbolos de estigma serão privilegiados nesta investigação. O principal símbolo que orienta esta abordagem é o de moradia. Na cidade de Campos, pela qual este trabalho responderá, o local de moradia transmite informações sociais sobre os seus respectivos moradores. Há expectativas de estilos de vida de moradores de determinadas áreas da cidade, e, neste caso, irei me ater ao bairro de Custodópolis, em Guarus cujos moradores são tomados como possuidores de uma identidade social deteriorada em relação aos demais moradores da cidade, sobretudo, aqueles que residem na margem direita do Rio Paraíba do Sul.

Deste modo, e segundo o caso aqui analisado, se estabelecem categorias de moradores *desacreditados* e *desacreditáveis*, classificados a partir de *estigmas* envolvendo moradores de Custodópolis e Guarus e que são operados em situações de copresença. A categoria *desacreditados*, na abordagem goffmaniana, indica um indivíduo que possui um estigma conhecido, já a categoria *desacreditáveis*, designa um indivíduo em cena como um potencial possuidor de estigmas (Goffman, 1981, p. 38).

Nas palavras do autor, os diferentes “ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontradas” (Goffman, 1981, p. 5). Há expectativas sobre as categorias de pessoas presentes nesses diferentes contextos, porém, quando um indivíduo está diante de um estranho, busca identificar o seu *status social*, uma vez ser este importante para que o próximo passo da interação seja dado.

O status social do indivíduo nos conduz a expectativas dos atributos que ele deveria possuir. Neste caso, se um indivíduo se encontra diante de um morador de um bairro tomado como *desqualificado*, entenderá que esse possuirá atributos morais que o primeiro toma como sendo *símbolos* de moradores de tais bairros. O modo de o segundo indivíduo demonstrar que não possui tais características é fornecendo provas. Contudo,



até que se prove o contrário, o morador de uma área tomada como desqualificada será tido como um desacreditável em uma interação face a face.

Os atores em copresença categorizam uns aos outros com base nos quadros primários que cada qual dispõe. Os quadros primários, neste caso, orientam os atores na avaliação que estes fazem do mundo social (Goffman, 2012, p. 46). Para compreender o modo pelo qual a avaliação é operacionalizada, faz-se necessário compreender as categorias, termos, rótulos e, até mesmo, bordões utilizados pelos atores para referenciar outrem. A avaliação é moral, e esta valida ou invalida os símbolos que o ator apresenta em interação.

Gusfield (1986), ao realizar um estudo sobre uma reforma moral, cujo efeito era a reprovação atitudes relacionadas às *subculturas* norte americanas, demonstrou o modo como a sociedade americana elaborou *termos de aprovação e reprovação*, como “vagabundo bêbado”, “o gourmet sofisticado” ou “abstêmio azul-cheirado”. Estes *termos* compunham uma disputa que o autor denominou *cruzada moral*, para demonstrar reprovação aos grupos que faziam uso de bebidas alcoólicas. O autor forneceu importantes ferramentas que podem nos auxiliar em uma reflexão sobre os modos como os grupos remarcam as fronteiras que os diferenciam:

Status groups are communal. They share a common culture in the form of standards of behavior, including patterns of consumption and work orientations. This culture, or style of life, is normative for members of the group. It constitutes “the canons of decency” by which group members live. For those outside of the group, who are potential prestige-receivers. The style of home furnishings, for example, in upper middle-class homes are matters of proper taste which appear appealing to those who share this culture. To “outsiders” they are signs of the group membership of the user.

Two forms of action symbolic are thus involved in our analysis of the relation between groups at different prestige levels. One is the system of values, customs, and habits distinctive to a status group, which we shall call its “style of life”. Such behavior serves as a symbol of membership in the group. Veblen’s accounts of conspicuous consumption are illustrative of this symbolism. The other form of symbolic action is that involved in ceremonies of deference when one group interacts with another above or below it in rank. In the United States, a myriad of racial customs serve to dramatize the lower status of the Negro. The use of the back door when entering a white man’s home in South is just one such instance<sup>5</sup>. (Gusfield, 1986, p. 16)

---

<sup>5</sup> “Os status dos grupos são comunais. Eles compartilham uma cultura comum na forma de padrões de comportamento, incluindo padrões de orientações de consumo e de trabalho. Esta cultura, ou estilo de vida, é normativo para os membros do grupo. Constitui “os cânones da decência” pelo qual os membros do grupo vivem. Para aqueles fora do grupo, que são potenciais receptores de prestígio. O estilo de mobiliário doméstico, por exemplo, em casas superiores de classe média, são questões de bom gosto que aparecem atraentes para aqueles que compartilham essa cultura. Para “outsiders” são sinais da participação em grupo do usuário. Duas formas de ação simbólicas são, assim, envolvidas na nossa análise da relação entre grupos em diferentes níveis de prestígio. Um deles é o sistema de valores, costumes e hábitos distintos para um grupo de status, que chamaremos seu “estilo de vida”. Tal comportamento serve como um símbolo de participação no grupo. Contas de consumo conspícuo de Veblen são ilustrativas deste simbolismo. A outra forma de ação simbólica é que os envolvidos em



A participação em um grupo, nas palavras do autor, é delineada por padrões de comportamento que incluem consumo e trabalho. Outro aspecto importante é o que ele denomina *estilo de vida*. Este reflete o código moral de um determinado grupo. A própria ideia de “estilo” designa um enquadramento de uma situação. Não se comportar adequadamente, neste caso, é não ser portador de um estilo desejado pelo grupo que coloca o modo de comportar-se em deliberação.

O pertencimento a grupo social é evidenciado não apenas pela enunciação verbal, mais ainda, pelos objetos materiais que compõem a cena. Estes designam o estilo estético do grupo que deles se apropriam. Gusfield (ibid), ao citar a noção de *consumo conspícuo*, de Veblen, chama atenção para a importância do consumo de bens como um demarcador moral de determinados grupos sociais. No caso de Veblen (1987), este faz uma diferenciação entre o consumo da classe ociosa, que seria de bens improdutivos e honoríficos, e o da classe trabalhadora, que *deveria* consumir bens para sua subsistência. O consumo agrega valor, portanto, ao falar em moradia, deve-se levar em consideração este fator. Este irá produzir efeitos nas situações de copresença. Morar em uma área tomada como desqualificada moralmente posiciona o ator na hierarquia urbana. Assumir que mora em uma determinada área da cidade, por si só, é uma apresentação de si. Neste caso, “morar” deixa de ser uma categoria apenas lógica e se transforma em uma categoria moral. A categoria qualifica ou desqualifica moralmente pessoas, grupos e lugares.

### **Crescimento urbano em Campos dos Goytacazes – RJ: alterações na sociabilidade local**

[...] Os parques, Guarulhos [Guarus], Santo Antônio, Jardim Carioca e a célebre “Cidade de Palha” [atual Custodópolis], fundada pelo saudoso e benemérito médico campista Dr. Custódio Siqueira, inegavelmente, tem sido também grandes fatores para o seu desenvolvimento.

Guarús é, pois, sem nenhum favor, um dos mais futuros distritos do município de Campos. (Guia Geral da Cidade de Campos, 1955, p. 111[grifo meu]).

A citação que dá início a esta seção integrou um projeto de expansão da rede urbana da cidade de Campos iniciado nos anos 1940, por meio do *Plano de Remodelamento da Cidade de 1944*. O plano foi concebido na gestão do prefeito Salo

---

cerimônias de deferência quando um grupo interage com outro acima ou abaixo dele na hierarquia. Nos Estados Unidos, uma infinidade de costumes raciais serviu para dramatizar o status inferior do Negro. O uso da porta de trás quando entrar na casa de um homem branco no Sul é apenas um desses casos.”

Brand em parceria com o Interventor do Estado do Rio de Janeiro Amaral Peixoto. Este último contratou o urbanista Abelardo Cimbra Bueno e o arquiteto e urbanista francês Alfred H. Agache, que, através de um plano de remodelamento assentado no “funcionalismo” do *City Planning* americano, buscaram combinar a racionalidade com a beleza (Faria, 2000).

O plano de Salo Brand, de ampliar a rede viária da cidade com objetivo de integrar as áreas mais afastadas da sede do município, estava à frente do seu tempo, dada a então sociabilidade local da cidade. Este fator pode ser destacado como um obstáculo moral para a execução plena do plano. É nesse contexto particular que se insere o Salo Brand, denominado “forasteiro” pelo próprio Guia Geral da Cidade de Campos.

O plano de remodelamento, de fato, impulsionou o crescimento contíguo à sede em direção ao norte do município, que até os anos 1940, só contava com os seguintes bairros: Cidade de Palha (Custodópolis), Parque Guarulhos (atual Parque Guarus), Jardim Carioca e Santo Antônio (Guia Geral, 1943). No censo de 1950, a população de Guarus era estimada em 17. 609 habitantes (Guia Geral, 1958), enquanto no censo de 1960, a população fora estimada em 32. 122 habitantes (Guia Geral, 1962). Nota-se que a população de Guarus cresceu quase o dobro entre 1950 e 1960, mesmo período em que chega à Custodópolis a família de Caroline.

Os avós paternos e maternos de Caroline migraram, respectivamente, de Santa Maria de Campos e de Santo Eduardo, ambas as localidades estavam situadas mais ao norte do município. O avô de Caroline, de quem obtive mais informações, trabalhou como lavrador em plantação de cana de açúcar, porém, o seu pai, já estabelecido na cidade de Campos, trabalhou como chofer de ônibus, na obra da construção da ponte Rio-Niterói (Presidente Costa e Silva) e, por fim, como policial militar até se aposentar. Portanto, a geração anterior a de Caroline trabalhava em ocupações que não exigiam diploma de nível superior; eram migrantes que estavam se *assimilando* à cidade de Campos.

Caroline encontrou menos obstáculos do que a primeira e segunda geração de sua família, pois consegui concluir a educação básica e ingressar no curso superior de uma universidade pública, porém, a assimilação moral não ocorre contígua à assimilação profissional. Ingressar no ensino superior e possuir maior status profissional em relação aos seus pais e avós confere a ela melhor posição na hierarquia urbana,

porém, é oriunda de uma área da cidade tomada como um *símbolo de estigma*, portanto, uma desacreditável em potencial.

A região de Guarus, por ter recebido um grande contingente de migrantes da área rural da cidade, é tomada moralmente como um lugar da cidade onde moram os que não estão vinculados às *famílias tradicionais* (Blanc e Assis, no *prelo*; Assis, 2016a) do município, portanto, são ordinários, não possuidores em potencial de um *sobrenome* vinculado aos grupos que integraram a primeira área ocupada da cidade, na margem direita do Rio Paraíba do Sul (Blanc e Assis, no *prelo*).

Para que possamos compreender a situação que descreverei na seção seguinte faz-se necessário uma breve apresentação sobre especificidades da sociabilidade local da cidade de Campos. Blanc e Assis (no *prelo*), através de uma *participação observante* (Albert, 1995) em uma dada situação ocorrida em um estabelecimento situado em um bairro denominado *nobre* e localizado na margem direita do Rio Paraíba do Sul, ouviram a seguinte frase dirigida ao segundo autor – Assis –: “De qual família você é?”. Estar consumindo em um estabelecimento de um bairro denominado nobre é um símbolo de prestígio, logo, aquele que interpelou um dos autores partiu do pressuposto de que este pertencia aos círculos sociais do que Cunha (2007) denomina *sociedade campista*. A sociedade campista, neste caso, é uma referência às famílias tomadas como tradicionais, não aquelas que as sucederam através da migração campo-cidade.

*Ser visto* em um estabelecimento comercial na área nobre da cidade pressupõe uma reputação vinculada às famílias tradicionais e, em contrapartida, ser reconhecido como um morador de Guarus pressupõe que este não esteja vinculado às famílias tradicionais da cidade, mas sim, aos ordinários, aqueles que migraram do campo em direção à cidade a partir dos anos 1950.

Como já destacado acima, Caroline, neta migrantes da área rural, acessa pioneiramente a universidade. Aqueles que a antecederam acessaram a cidade através do trabalho manual e de baixa qualificação no que diz respeito ao nível de educação formal, porém, ela irá deparar com uma barreira moral que *dificulta* a *assimilação* dos moradores de Guarus na sociabilidade local.

### **Coisa de Guarus: *favelado cafona***

Eu trabalhava no pré-vestibular daqui, da [universidade pública], né? E era bolsista, e nenhum dos sessenta alunos que foram classificados era de Custodópolis, mas tinham dois de Guarus, só dois de Guarus. Uma vez rolou um comentário falando de gente favelada, falando de gente cafona favelada,

ai um comentando pro outro assim: ‘ihhh isso tá parecendo coisa de Guarus’. Coloca-se como se o outro lado da ponte fosse uma coisa só! Lá é Guarus, aqui é o que? É Campos? Do lado de cá é Campos, do lado de lá é Guarus. E, coloca como se todo mundo fosse uma coisa só. (Caroline)

Em sua fala, Caroline, uma jovem universitária e moradora de Custodópolis, faz a descrição do que ela denomina *visão* do morador “do lado de cá”, no caso, Campos (categoria generalista que remete à sede do município, na margem direita do Rio Paraíba do Sul, bem como ao imaginário local vigente e efetivado em termos mais gerais, que tem condições de se impor), sobre o “lado de lá”, Guarus. O que fica evidente inicialmente é uma indivisibilidade entre os bairros compreendidos nessa área. Guarus, no caso, o *outro lado* é mencionado como se fosse “uma coisa só”, o que levou Caroline a se deparar com uma situação de desqualificação em relação à forma como o seu lugar de moradia fora categorizado moralmente.

Observando os jogos de categorização mobilizados em diferentes contextos sobre a cidade e seus bairros, foi possível identificar situações nas quais os bairros são equalizados a partir de uma separação feita pelo Rio Paraíba do Sul, neste caso, o “lado de cá” e o “lado de lá”. Caroline, quando indagada sobre Custodópolis, faz uma equivalência do bairro em relação à Guarus, não à cidade como um todo, que em alguns casos, está do “lado de lá”. Caroline, ao falar dos alunos classificados para o vestibular, lamentou por não ter aluno de Custodópolis, e ao mesmo tempo, fez menção a dois alunos de Guarus. Neste caso, se sentiu de alguma forma afetada pela quantidade de alunos de origem próxima a dela, e pela ausência de alunos da mesma localidade. O seu tom de voz soou como quem estava diante de uma situação de injustiça e a sua fala evidenciou as distinções significativas em termos de proximidade, distância e identificação. Aproxima-se dos demais moradores de Guarus, no compartilhar de um referencial mais geral, mas se diferencia deles em termos dos referenciais específicos.

Ela se vê como alguém que compõe a margem esquerda, no caso, Guarus, mas, mais do que isso, ela compõe uma sub-região desta região, a de Custodópolis. A perplexidade de Caroline em relação à designação de Guarus como “uma coisa só” faz com que a mesma questione a categorização dos seus pares em relação lugar em que suas experiências foram elaboradas. Ao mesmo tempo, ao se referir aos “dois lados” da cidade, faz uma indagação: “Lá é Guarus, aqui é o que? É Campos? Do lado de cá é Campos (...)”. Ao se deparar com uma imagem do seu distrito como homogêneo, ela faz o mesmo com a margem direita do rio, acionando os mesmos dispositivos que lhe foram

direcionadas. No caso descrito por Caroline, Guarus foi tomado pelos seus pares da universidade como lugar de desqualificados em potencial: local de moradia de favelado, e favelado cafona. Neste caso, não é um lugar da *sociedade campista*.

Este jogo de categorizações é constituído a partir dos contextos nos quais as experiências dos atores são elaboradas. Como estas experiências são constituídas? O que leva um indivíduo a categorizar moralmente uma determinada região da cidade? As formas como são expressas e as expressões utilizadas são dotadas de conteúdos morais que não envolvem apenas uma ação específica, mas um conjunto de fatores, como moradia, comportamento, apresentação de si, em suma, uma atuação inadequada, do ponto de vista daqueles que assim as definem, o que fez com que Caroline não se sentisse categorizada de acordo com a imagem que possui de si mesma.

A *situação* na chegada de Caroline à universidade era definida pelos grupos que, de algum modo, eram predominantes nesta instituição: membros das famílias tradicionais em potencial ou apenas moradores da margem direita do Rio Paraíba do Sul. O acesso à opinião destes na universidade a possibilitou formular uma crítica e, ao mesmo tempo, se sentir parte de outro grupo: moradores de Guarus.

O desconforto de Caroline diante da qualificação que foi imputada à sua região de moradia, reflete sua resistência e insubordinação aos atributos que lhe foram dados. Na situação relatada por ela, a resistência não se evidenciou em um conflito na sala de aula, mas na elaboração de argumentos e justificações, em uma atividade reflexiva, por mais que não verbalizada ou tornada pública. Neste caso, a situação problemática não se converteu em uma situação de disputa manifesta em diálogos, mas em *vergonha*,<sup>6</sup> dado que o seu lugar de moradia fora tomado como um símbolo de estigma. O seu incômodo revela uma disputa moral entre “dois lados” cidade: “Campos” e “Guarus”.

A existência do conflito evidencia, grosso modo, a suposição da existência de duas moralidades bem delineadas na cidade de Campos: o lado de lá e o lado de cá. A questão é pensar para além destes dois lados, e, conseqüentemente, compreender como as categorizações morais são mobilizadas para delinear localidades na cidade de Campos. Destacam-se os modos como Custodópolis está inserido moralmente em Guarus, e como este último se insere em Custodópolis. Como Caroline pontuou, há uma

---

<sup>6</sup> Uma discussão que estabelece um diálogo com o meu trabalho é a dissertação de Raoni Borges Barbosa (2015), na qual ele estabelece uma relação entre a moradia e a vergonha. Neste caso, os moradores do bairro em que a análise fora realizada, experimentavam situações cotidianas de vergonha no espaço público fora dos limites do bairro.

generalização de Guarus, a partir da qual as fronteiras administrativas ou simbólicas dos bairros são ignoradas. A parte é inserida no todo, e o todo na parte, nos processos de categorização moral.

Em minhas incursões pela cidade, pude identificar como a categoria nativa “morador de Guarus” é recorrente como referencial de desqualificação mútua. Um *termo de reprovação*. “Morar em Guarus”, neste caso, assume um caráter significativo para além da mera posse de um Código de Endereçamento Postal (CEP). É assumir uma posição involuntária, corresponder a um tipo elaborado moralmente. Neste caso, um trabalhador manual de baixa qualificação e de estilo de vida questionável.

Os referenciais mobilizados na situação descrita por Caroline são generalizados em relação ao morador de Guarus, o que faz com que Guarus possa ser tomado não apenas como um subdistrito delimitado administrativamente, mas ainda, um todo, “uma coisa só”, tanto em termos de referenciais geográficos, quanto em termos de uma *identidade social* de seus moradores. Caroline acessa a opinião de seus pares sobre o seu lugar de moradia através do que ela chamou de “zoação”, e este aspecto é importante para pensarmos nos modos como o *não dito* torna-se revelado.

A “zoação”, nesse caso, é uma forma sutil e relativamente aceita, mas não deixa de externalizar a crítica dos colegas de turma da Caroline. Radcliffe-Brown (1949, p. 196) trata a *jocosidade* como uma relação de “afabilidade” e “antagonismo”. Neste caso, há uma espécie de permissão ao desrespeito, de suspensão da tensão dada pela relação de proximidade entre ambas as partes. Poderíamos mencionar a situação descrita por Geertz (1978), quando este afirma que em Bali ser “caçado” é equivalente a ser “aceito”. A jocosidade, no entanto, quando utilizada, significa que há uma relação de proximidade.

Nem por isso a jocosidade está isenta de um conflito, este é apenas operado de outro modo em contextos de *zoação*. Nestas circunstâncias “a crítica é apresentada como se não fosse séria ou relevante, mas proporcionando, ainda assim, a colocação de algo do comportamento/das características do outro em questão” (Werneck, 2015, p. 190). Neste caso, a crítica dos amigos de Caroline é realizada como se não fosse séria, o que favorece a manutenção da relação, mesmo no interior de um contexto de disputa. Ao serem jocosos, esses colegas expressam a suas compreensões do que é ser um “morador de Guarus”. Brincando, a confrontam e a colocam em uma situação de prova.

Huguenim (2011) escreveu um ensaio em um periódico local sobre os “estigmas” envolvendo os “moradores de Guarus”, e no texto ela apresenta a situação na qual se “deparou” com uma situação que desqualificou o potencial de consumo dos moradores da região:

Essa minha percepção surgiu numa mesa de bar. Sentada com amigas “de Guarus”, falava de um chocolate suíço que adoro e perguntei se numa loja de lá vendia dele. A resposta foi carregada pela representação essencializada que se faz da região: “você acha que o povo de Guarus compra chocolate suíço?”

Ela está descrevendo uma situação típica na qual a jocosidade expõe a axiologia presente nas situações envolvendo dispositivos morais de qualificação e desqualificação dos “moradores de Guarus”. Morador de Guarus, neste caso, de categoria lógica, torna-se moral. Fazer o uso da expressão “morador de Guarus”, em Campos, é caracterizar um desqualificado em potencial. Como já destacado acima, sobre o *consumo conspícuo*, enquanto ao morador de Campos é habitual comer chocolate suíço, para o morador de Guarus, chega a ser imoral, do ponto de vista da moralidade que lhe é imposta ou pressuposta.

As categorizações que são dadas à localidade, bem como aos seus moradores, partem de um princípio de que os moradores são amorais, neste caso, não comungam com uma moral da sociedade campista. São favelados cafonas, não possuem estilo de vida e poder aquisitivo que comporte o consumo de um chocolate suíço: têm uma reputação questionável em relação à dos moradores de Campos.

As categorias “morador do lado de lá” e “morador do lado de cá” evidenciam não apenas designações físicas, mas ainda, uma cartografia moral que qualifica os moradores das diferentes áreas da cidade de Campos. Enquanto morar em Campos é tomado como um símbolo de prestígio, morar em Guarus é tomado como um símbolo de estigma em situações de copresença na margem direita do Rio Paraíba do Sul.

### **Considerações finais**

O que fora apresentado até aqui expôs um quadro mais amplo do processo de categorização moral presente na cidade de Campos, o que não significa minha ignorância em relação às especificidades experimentadas por outros bairros da cidade. Falo de Guarus a partir do bairro de Custodópolis, mas o processo de categorização moral pode ser tomado como um contínuo de disputas envolvendo os moradores de



diferentes contextos de uma mesma cidade. O mais importante para esta análise é justamente o reordenamento físico e moral imposto pela sucessão populacional.

O que toca o reordenamento físico, este diz respeito às novas áreas ocupadas pelos bairros de expansão, sejam eles para atender as demandas colocadas pelas novas gerações, sejam para atender ao crescimento decorrente de migrações externas. Esta última cria uma diferenciação na medida em que novas áreas são construídas, alterando, assim, a paisagem urbana. O fato de a mudança ocorrer fisicamente não exclui os conteúdos morais presentes dos novos objetos materiais que passarão a compor o novo cenário. Após essa alteração, criam-se duas categorias de moradores: os antigos e os novos, no caso de Campos e Guarus: o “lado de lá” e o “lado de cá”.

Os novos moradores, apenas pelo fato de adentrarem em um lugar já habitado, serão categorizados e, do mesmo modo, categorizarão os antigos moradores. Este fato ocorrerá como um recurso de delimitação entre as diferentes categorias presentes no lugar, que não se limitarão apenas aos novos e aos antigos. Estas duas são apenas tipologias para que possamos compreender as disputas envolvendo as populações que sucedem e as que são sucedidas.

A disputa, como já destaquei, ocorrerá um âmbito moral, pois na medida em que novos grupos se apropriam dos espaços da cidade, a moralizam a partir dos valores embutidos em um repertório de objetos e práticas. O que irá refletir na elaboração de categorias morais de qualificação ou desqualificação do outro e de si. No caso da situação trazida por Caroline, a categoria moral “morador de Guarus” é um símbolo de estigma, uma vez que é utilizada para referir-se a um estilo de vida inadequado do ponto de vista dos seus pares na universidade. Neste caso, há um princípio que equivale o nome Guarus às categorias *favelado* e *favelado Cafona*, categorias de reprovação.

### **Referências bibliográficas**

ALBERT, Bruce. 1995. Anthropologie appliquée ou `anthropologie impliquée?': Ethnographie, minorités et développement. In: J.F. Baré, (org.) *Les applications de l'anthropologie. Un essai de réflexion collective à partir de la France*. Paris: Karthala.

ASSIS, Renan Lubanco. 2016a. *Morador de Custodópolis e Morador de Guarus: a moradia como símbolo de estigma na cidade de Campos dos Goytacazes-RJ*. Tese. Campos dos Goytacazes: Universidade Estadual do Norte-Fluminense Darcy Ribeiro (Uenf).

ASSIS, Renan Lubanco. 2016b. Morador de Guarus: categorias morais mobilizadas em situações de copresença na cidade de Campos dos Goytacazes. *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v.15, n. 45, p. 28-38.

BARBOSA, Raoni Borges. 2015. *Medos Corriqueiros e Vergonha cotidiana: Um estudo em Antropologia das Emoções*. Série Cadernos GREM N° 8. Recife: Bagaço; João Pessoa: Edições do GREM.

BECKER, Howard. 2008. *Outsiders: Estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar.

BLANC, Manuela Vieira. (no prelo) *Os famosos todos nós: uma proposta de análise da experiência citadina no pequeno urbano*.

BLANC, Manuela Vieira. 2013. *Aonde ninguém é Zé Ninguém: a experiência citadina na pequena cidade, a notoriedade compartilhada e suas as repercussões sobre um modo de vida "urbano"*. Caxambu: Comunicação apresentada no 37º Encontro Anual da ANPOCS.

BLANC, Manuela Vieira & ASSIS, Renan Lubanco (no prelo). “De qual família você é?” Cidades de médio e pequeno porte e rituais de interação. In: MACHADO DA SILVA, Luiz Antonio; NOEL, Gabriel Davi; FREIRE, Jussara; BERMUDEZ, Natalia (Orgs.) *Moralidades em cidades da periferia*. Rio de Janeiro: FAPERJ/Garamond.

BOLTANSKI, Luc. 2001. A moral da rede? Críticas e justificações nas evoluções recentes do capitalismo. In: *Fórum Sociológico. Instituto de Estudos e Divulgação Sociológica*, Número 5/6, IIª Série, 2001, pp.13-35. Disponível em: <http://forumsociologico.fcsh.unl.pt/PDF/Artigo1.pdf>. Acesso em: 16 Mai. 2016.

BOLTANSKI, Luc; THÉVENOT, Laurent. 1991. *De la justification: Les économies de la grandeur*. Paris: Gallimard.

BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. 2009. *O novo espírito do capitalismo*. São Paulo: Martins Fontes.

CUNHA, Juliana Blasi. 2007. *Atafona: formas de sociabilidade em um balneário na região norte-fluminense*. Niterói – RJ: Dissertação de Mestrado. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, ICHF-UFF.

DEWEY, John. 1938. *Logic: the theory of inquiry*. New York: Henry Holt.

DEWEY, John. 1929. *Experience and nature*. London: George Allen & Unwin ltd.

DEWEY, John. 1927. *The Public and Its Problems*. Chicago : Swallow.

ELIAS, Norbert e SCOTSON, John L. 2000. *Os estabelecidos e os “outsiders”:* *sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

FARIA, Tereza Peixoto. 2000. As reformas urbanas de Campos e suas contradições. O plano de 1944: uma nova ordem social e urbana. CD-ROM dos *Anais do 6º Seminário de História da Cidade e do Urbanismo*. Natal – RN.

FREIRE, Jussara. 2005. *Sensos do justo e problemas públicos em Nova Iguaçu*. Tese de doutorado, IUPERJ, mimeo.

FREIRE, Jussara. 2010. Agir no regime de desumanização: esboço de um modelo para análise da sociabilidade urbana na cidade do Rio de Janeiro. *Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, v. 3, n. 10, p. 119-142.

FREIRE, Jussara. 2014. Violência urbana e cidadania na cidade do Rio de Janeiro: tensões e disputas em torno das justas atribuições do Estado. *Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, v. 7, n. 1, p. 73-94.

FREIRE, Jussara. 2013. Uma caixa de ferramentas para a compreensão de públicos possíveis: um arranjo de sociologias pragmatistas. *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 12, n. 36, p. 720-736.

GEERTZ, Clifford. 2008[1973]. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: *Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar.

GLUCKMAN, Max. 1963. Gossip and Scandal. *Current Anthropology*, v. 4, n. 3, p. 307-316.

GOFFMAN, Erwing. 1951. Symbols of class status. *The British Journal of Sociology*, v. 2, n. 4, p. 294-304.

GOFFMAN, Erwing. 1988 [1963]. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4ª ed. Rio de Janeiro: LTC Editora.

GOFFMAN, Erwing. 2010 [1963]. *Comportamento em lugares públicos: notas sobre a organização social dos ajuntamentos*. Petrópolis: Vozes.

GOFFMAN, Erwing. 2012 [1974]. *Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes.

GUIA GERAL DA CIDADE DE CAMPOS. Campos, Estado do Rio, a I, n. 1, 1943.

GUIA GERAL DA CIDADE DE CAMPOS. Campos, Estado do Rio, a XVI, n. 16. Janeiro de 1958.

GUIA GERAL DA CIDADE DE CAMPOS. Campos: Estado do Rio, a. XX, n. 20. Janeiro de 1962.

GUSFIELD, Joseph R. 1955. Social Structure and Moral Reform: A Study of the Woman's Christian Temperance Union. *American Journal of Sociology*, v. 61, n. 3, p. 221-232. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2772134>, Acesso em 16 de ago. de 2016.

GUSFIELD, Joseph R. 1986. *Symbolic Crusade: Status politics and the American Temperance Movement*. 2 ed. Chicago: University of Illinois Press.

HUGUENIN, Fernanda. 2011. O cru e o cozido. *Guarus*. Acessado em: <http://www.fmanha.com.br/blogs/ocrueocozido/?p=326>, dia, 10/05/2011.

JAMES, William. 1904. The Chicago school. *Psychological Bulletin*, 1, 1-5.

- JAMES, William. 1891. *Principles of Psychology*, v. 1. London: Macmillan.
- MEAD, George Herbert. 1903. The Definition of the Psychical, *Decennial Publications of the University of Chicago*, First Series, v. III, Chicago: University of Chicago Press, p. 77-112.
- MEAD, George Herbert. 1974[1934]. *Mind, Self and Society: from the Standpoint of a Social Behaviorist*. Chicago: The University of Chicago Press.
- PARK, Ezra Robert. 1915. The City: Suggestions for the Investigation of Human Behavior in the City Environment. *American Journal of Sociology*, v. 20, n. 5, p. 577-612.
- PARK, Ezra Robert. 1928. Human Migration and the Marginal Man. *American Journal of Sociology*, v. 33, n. 6, p. 881–893.
- PARK, Ezra Robert. *Sucessão*. 1948a [1936]. In: PIERSON, Donald. (Org.). Estudos de ecologia humana, Tomo I de *Leituras de Sociologia e Antropologia Social*., São Paulo: Martins.
- PARK, Ezra Robert. 1948b. A comunidade urbana como configuração espacial da ordem moral [1925]. In: PIERSON, Donald. (Org.). *Estudos de ecologia humana*, Tomo I de *Leituras de Sociologia e Antropologia Social*, São Paulo: Martins.
- PARK, Ezra Robert. 1976. A notícia como forma de conhecimento. In: Steinberg-*Meios de comunicação de massa*. São Paulo, Cultrix. p. 168-185.
- PARK, Robert E.; BURGESS, Ernest. [1921]. 2014. *Competição, Conflito, Acomodação e Assimilação*. (Tradução: Mauro Guilherme Pinheiro Koury). *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 13, n. 38, agosto.
- RADCLIFFE-BROWN, Alfred R. 1949. A Further Note on Joking Relationships. *Africa: Journal of the International African Institute*, v. 19, n 2, p. 133-140.
- THOMAS, William Isac. 1905. The Province of Social Psychology, *American Journal of Sociology*, v. 10, n. 4, p. 445–455.
- THOMAS, William Isac. 1923. *The Unadjusted Girl*. Boston: Little Brown.
- THOMAS, William Isac; ZNANIECKI, Florian, 1919. *The Polish Peasant in Europe and America. Monograph of an Immigrant Group: Life-record of an Immigrant* (v. I). Boston: The Groham Press,.
- THOMAS, William Isac; ZNANIECK, Florian. 1919. *The Polish Peasant in Europe and America. Monograph of an Immigrant Group: Life-record of an Immigrant*(v. III). Boston: The Groham Press.
- THOMAS, William Isac; ZNANIECKI, Florian. 2006. *El Campesino Polaco en Europa y en América*. Madri: Boletim Oficial del Estado/Centro de Investigaciones Sociológicas.

SIMMEL, Georg. 1983. O Estrangeiro. In: MORAES FILHO, Evaristo (Org.). *Simmel: Sociologia*. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática.

STONEQUIST, Everett V. 1935. The Problem of the Marginal Man. *American Journal of Sociology* v. 41, n. 1, p. 1–12.

STONEQUIST, Everett V. 1965 [1937]. *The Marginal Man: A Study in Personality and Culture Conflict*. New York: Russell & Russell.

VANDENBERGUE, Frédéric. 2006. Construção e crítica na nova sociologia francesa. In: *Sociedade e Estado*, Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília, Brasília, v. 21, n.2, p. 315-366.

WERNECK, Alexandre. 2012. De Adão ao Bom Ladrão: Uma sociologia pragmatista da moral ampliada por uma perspectiva pluralista de bem inspirada pela desculpa. In: *A desculpa: As circunstâncias e a moral das relações sociais*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

WERNECK, Alexandre. 2015. “Dar uma Zoadá”, “Botar a Maior Marra”: Dispositivos Morais de Jocosidade como Formas de Efetivação e sua Relação com a Crítica, *Dados* v.58, n.1 Rio de Janeiro Jan./Mar.

WUNDT, Wilhelm. 1889. *System der Philosophie*. Leipzig: Engelmann.